

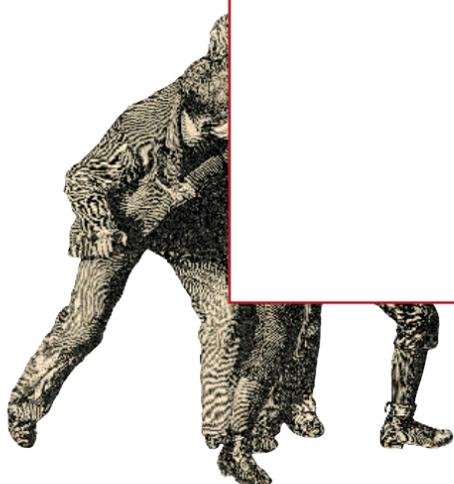
VERSOS PARA OS PEQUENINOS

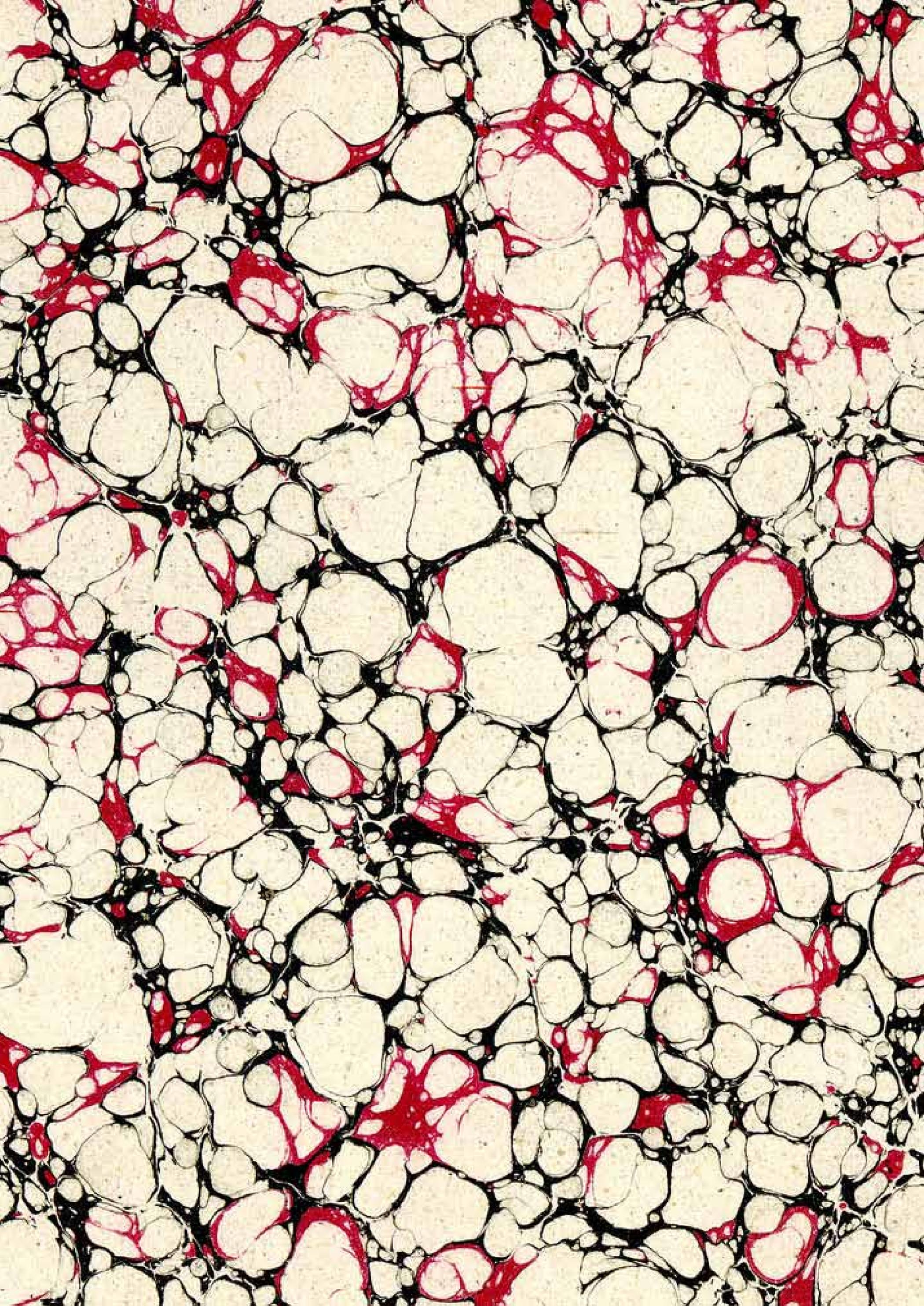


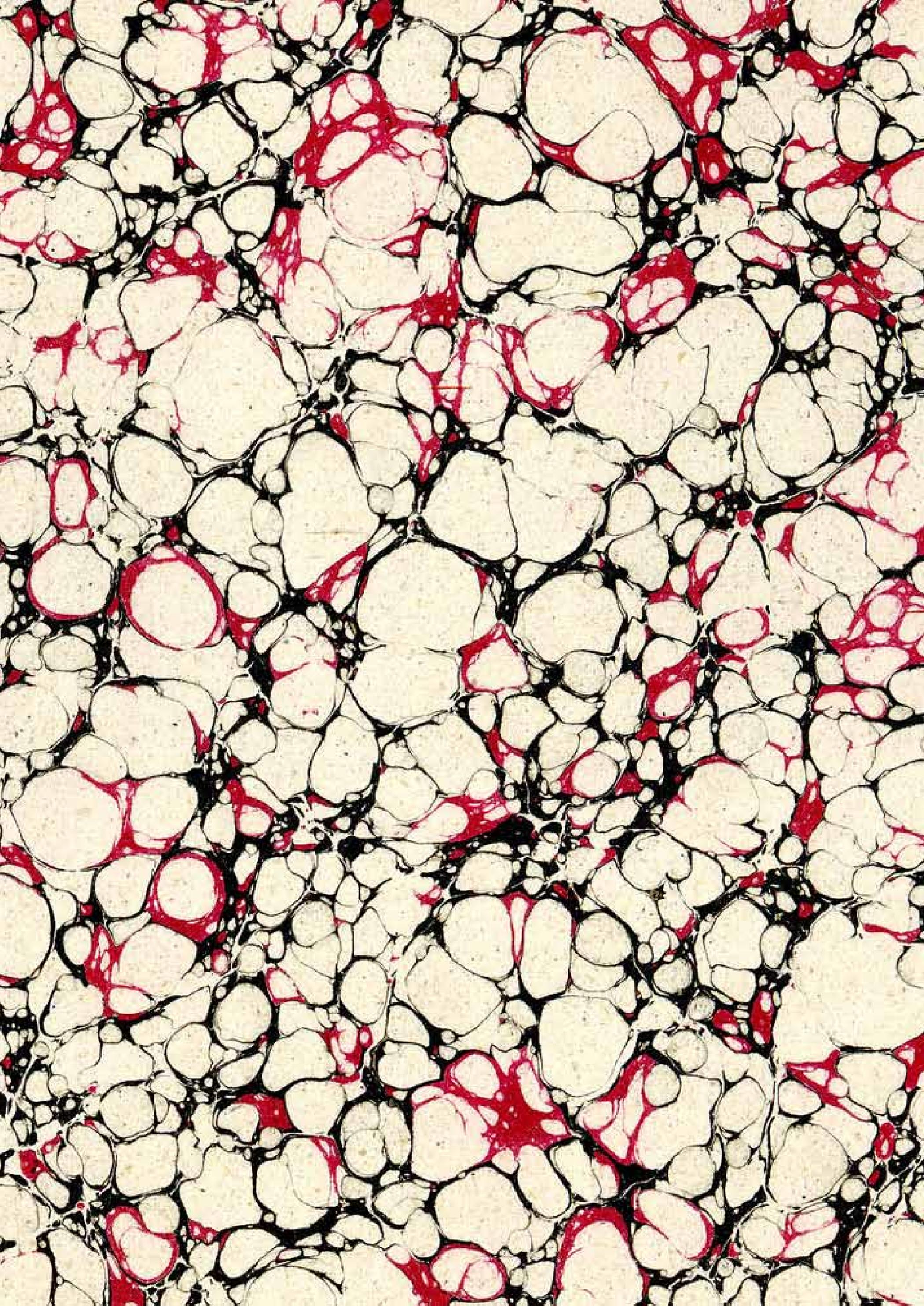
João Köpke

Edição fac-similar

2017







VERSOS
PARA
OS PEQUENINOS



João Köpke

Edição fac-similar

2017

SUMÁRIO

Apresentação 4

O balanço 10

A Lua 12

A lição 14

Travessos 16

Os bonecos 18

Alguma! 20

Os cordeirinhos 22

Nonô 24

Inimigos 26

O ato ilis 28

Dona Boneca 30

Hora de dormir 32

O Zé Pereira 34

A gatarrada 36

Traição 38

Pagode 40

Philosophia 42

O corneta 44

Meu cavallo 46

O vovô 48

A vovó 50

Conversas 52

Limões e laranjas 54

Meu burrinho 56

Poemas transcritos 60

APRESENTAÇÃO

Versos para os pequeninos:
mais de um século à espera das crianças



m um armário, por mais de um século, a família Köpke guardou vários documentos e obras manuscritas, objetos de memória de um renomado educador e autor de vários livros publicados. Um ente querido: João Köpke (1852-1926).

O caminho dos manuscritos deve ter começado com Winckelmann Köpke, o filho mais velho de João, que compartilhou com o pai várias afinidades, como a escolha profissional, já que também foi bacharel em Direito, e o interesse pela poesia. Depois seguiu para José Köpke, filho único de Winckelmann, para Maria Izabel Köpke Ramos, a filha mais velha de José, e para sua irmã, Maria Lygia Köpke Santos.

Maria Lygia analisou uma das obras de João Köpke em seu doutorado e depois cedeu a *Pasta n° 2*, com bordas gastas e presas por fitas de algodão, para o grupo Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE) da Faculdade de Educação da Unicamp, motivando outros estudos. *Versos para os pequeninos*, em letra cursiva, era um dos originais da Pasta, que reunia outros três textos datilografados: *Conto de amor – Evangelina*, *O pássaro dourado* e *O casamento de Panurgo*.¹

Versos para os pequeninos, escrito provavelmente entre 1886 e 1897 e agora apresentado em edição fac-similar, é composto por 54 páginas de um caderno sem capa em formato retangular (35 cm x 23,5 cm), do mesmo tipo usado para registros comerciais. O perito Ricardo Molina de Figueiredo atestou que a letra cursiva era mesmo de João Köpke, revelando um exímio calígrafo, e atribuiu a seu filho Winckelmann as anotações a lápis ao lado de alguns poemas; algumas invalidam versos ou mesmo estrofes inteiras, outras esboçam uma reescrita.

Estampas – o termo usado na época para designar as ilustrações – acompanham cada um dos 24 poemas. Sempre à esquerda, as ilustrações indicam atenção para o aspecto estético da obra, antecipam a leitura e anunciam o assunto do poema. Porém, se as ilustrações são bem-comportadas, de padrão europeu, como era comum no final do século XIX, os textos aos quais estão ligadas são bem-humorados e irreverentes: os narradores (eu-lírico) mandam a lua bugiar e ir às batatas, e os gatinhos fazem figa e deixam os amigos chuchando dedos, esquecendo-se dos deveres. O mesmo vovô que ensina bons modos e respeito aos mais velhos questiona o conhecimento dos professores, da vida e da escola.

¹ As informações na página de rosto de *Evangelina* indicam: “Henrique Wadsworth Longfellow, poeta americano”, “narrado em portuguez com a colaboração de João Köpke e de seu filho Winckelmann Köpke”. Os dois outros não trazem qualquer referência de autor e parecem exercícios de tradução. O casamento de Panurgo pode ter sido uma tradução de uma parte da obra *Gargântua e Pantagruel* de François Rabelais (1494-1553).

E os versos dançam na página, alongam-se, parecem descer uma escada como em *Traição* e estilizam as formas de um gato com rabo semi enrolado em *A gatarrada*. Com esses artifícios, Köpke exercita sua liberdade, ainda que com comedimento, numa época em que os livros publicados buscam, em outra direção, disciplinar e moldar as crianças aos interesses dos adultos. Ao largo da pedagogia dominante, Köpke valoriza as cantigas, as estripulias das crianças e os animais de estimação, insistindo na poesia cantada em versos e reconhecendo a musicalidade, a sonoridade e a cadência próprias da cultura oral.

Os números e as letras a lápis em frente dos primeiros versos sugerem a alternância de várias vozes ledoras ou as diferentes possibilidades de aproveitamento dos poemas, que podem ser declamados, não apenas lidos. Passagem para a apreciação da poesia pela memorização e audição do belo, elaboração afetiva, moral e intelectual.

A publicação de um manuscrito com pelo menos 122 anos amplia a visão da obra e das ideias de João Köpke, geralmente interpretado como um autor interessado em formar – e civilizar – gerações de crianças a partir de um projeto republicano, pedagógico, formativo e moralizador que predominava na segunda metade do século XIX. *Versos para os pequeninos* apresenta um autor-educador que transforma a linguagem em um jogo que extrapola o nível discursivo e a estrutura formal. Um autor que faz da escrita um exercício gráfico, estético e lúdico.

Versos para os pequeninos atravessou o século XX como um esboço pronto para ir para uma editora – um boneco de livro. Ao propor a imersão das crianças na cultura oral e o prazer da linguagem, destoava, porém, em um mercado cioso da utilidade educativa das histórias para crianças, especialmente para a escola. Talvez sua publicação não se justificasse, à época, quando o padrão desejado passaria a ser a leitura silenciosa, não a coletiva e esfuziante dos poemas desta obra.

Esta edição fac-similar de *Versos para os pequeninos* acompanha a reportagem de capa sobre livros infantis do final do século XIX até o início do século XX da edição nº 253 da revista *Pesquisa FAPESP* e oferece a educadores, a pesquisadores e evidentemente às crianças uma leitura saborosa, que até agora foi privilégio dos poucos que folhearam as páginas já se soltando do grande caderno manuscrito de João Köpke.

Norma Sandra de Almeida Ferreira

*Professora Livre Docente da Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)*

Campinas, fevereiro de 2017.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, N. S. de A. Um estudo sobre os *Versos para os pequeninos*, de João Köpke. Campinas: FAPESP/Mercado de Letras, 2017, 276 p.

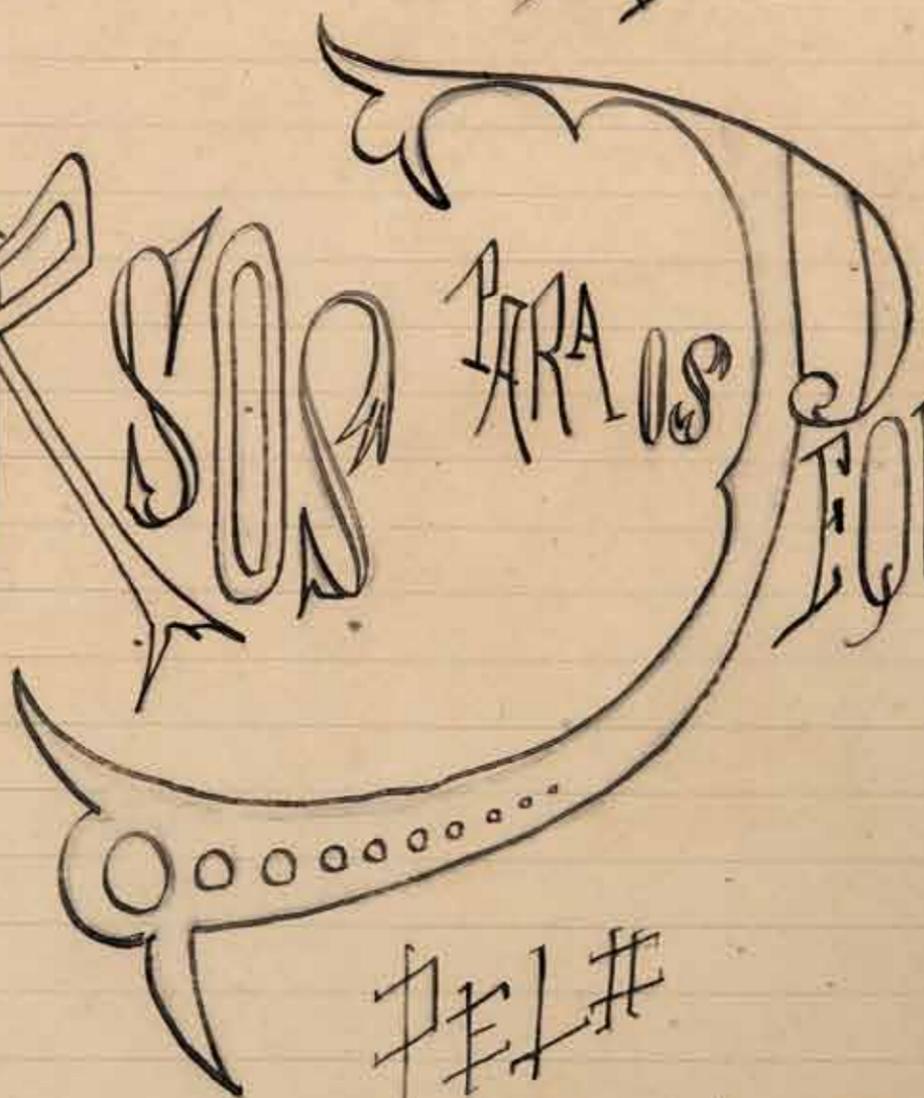
FERREIRA, N. S. A. *Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”, manuscrito de João Köpke*. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2014. 315 p.

FIORAVANTI, C. Os precursores de Lobato. *Pesquisa Fapesp*, v. 18, n. 3, p. 18-25, 2017.

SANTOS, M. L. C. K. *Lendo com Hilda: João Köpke - 1902*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2013. 229 p.

INSTITUTO M. WOPKE

VARSOZ PARA OS EQUENIS



#EL#

DIRECTOR

"Quem faz o que pôde, tem feito quanto deve.
Quem pôde mais, que suppra as suas defi-
ciencias, pois essa é a melhor das criticas."



O balanço

X

G Bão..ba..la..lão!

Meu capitão

Upa, balanço!

Bumba no chão!

1 Laura, Tonico,

Chico, brincando,

Vão no balanço

E embalando.

G Bão..ba..la..lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Uma melodia

Dois cantos

Três cantos

Quatro cantos

Um canto

Dois cantos

Três cantos

Quatro cantos

Um canto

Dois cantos

Três cantos

Quatro cantos

Um canto

Dois cantos

Três cantos

Quatro cantos

G Bão..ba..la..lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Uma melodia
Dois cantos
Três cantos
Quatro cantos

1 Que cambalhota!

Mas ninguém chora!

Levantam rindo

Carão-se embora!

Uma melodia
Dois cantos
Três cantos
Quatro cantos

G Bão..ba..la..lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Uma melodia
Dois cantos
Três cantos
Quatro cantos

1 Que cambadinha!

Tudo está rindo!

E o balanço

Sempre bulindo!

G Bão..ba..la..lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

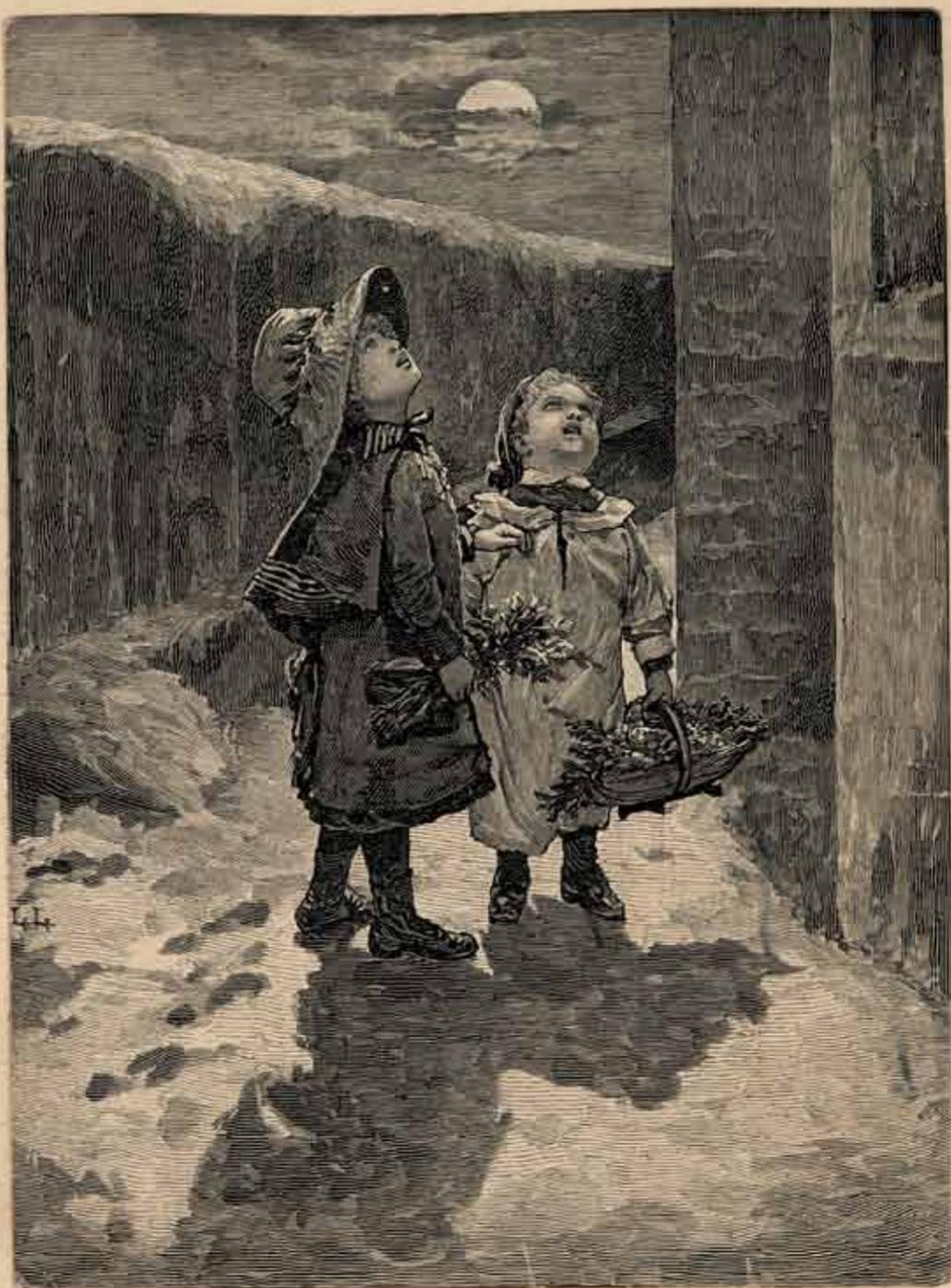
1 Eis, de repente,

A corda, lashe!

Tudo de costas

e Na areia, plashhe!

Uma melodia
Dois cantos
Três cantos
Quatro cantos



A Lua

~~A lua que já está,
E a lua que já não,
E a lua que já não,
E a lua que já não.~~

1 Porque é que a lua
Anda no ar
Sempre correndo,
Sempre a rolar?
Oh, lua!
Vem cá!

~~A lua que já está,
A lua que já não,
A lua que já não,
A lua que já não.~~

~~E a lua, está aqui,
E a lua, está aqui,
E a lua, está aqui.~~

6 Não vou, que não quero!
8 Não vou - não vou lá.

2 Porque não queres
Vir cá brincar?
Não te aborreces
De rir e cantar?
Oh, lua!
Vem cá!

6 Não vou, que não quero!
8 Não vou - não vou lá.

1 Vem cá, pateta!
Vem pandegar!
É tão gostoso
Rir e pintar!
Oh, lua!
Vem cá!

6 Não vou, que não quero!
8 Não vou - não vou lá.

2 Então, batatas!
Vai bugiar!
Não precisamos
Do teu luar.
Apaga-o
já, já!

~~E a lua, está
E a lua, está
E a lua, está
E a lua, está.~~

6 Não o apago,
8 Não vou lá.

~~Não vou, que não quero!
Não vou, que não quero!
Não vou, que não quero!~~

~~A lua, está aqui,
A lua, está aqui,
A lua, está aqui,
A lua, está aqui.~~

Ban - ka, Pa - pi -
Como fog? Capi.

Cai - ci, pa - pi -
- Como fog? - Capi.

Ta - ta, ta - ta -
Como fog? - Tatu.

Lyra - ha -
Desta - lá -
Quem era - lá?
Vou - a - lá.

Capi
Capi
Tatu
Tatu
Capi
Capi

Como fog? Gostei
Muito - de -
Repetir - tudo.

Assim - lá -



A lição

q B..a.. ba - b..é.. bé...

Como faz?

q Café

B..é.. bé - b..i.. bi...

Como faz?

q Siri

B..i.. bi - b..ó.. bó...

Como faz?

q Cipro

B..ó.. bó - b..u.. bu...

Como faz?

q Anqu

B..u.. bu - b..a.. bá...

Como faz?

q Jacá

L..i.. li... e..ão.. ção

Como faz?

q Balão

Agora basta;

Basta de vez:

Repitam tudo;

Vamos a ver

q Café

Cipro

Siri

Anqu

Anqu

Jacá

Cipro

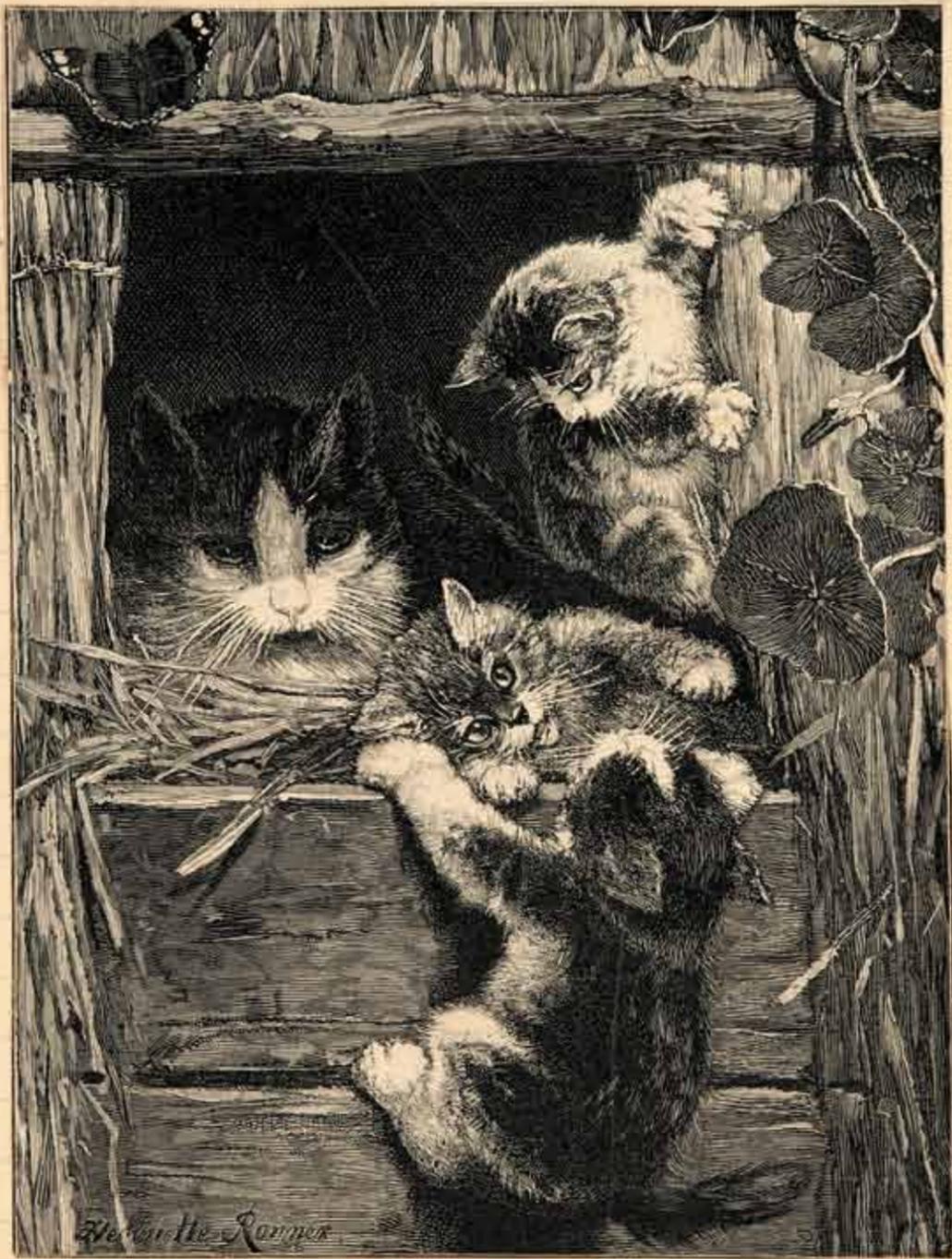
Balão

Que faz, meninos?

Venha a lição:

Repitam todos.

q Amolgação!



Travessos!



Meninos, quietinhos!

Mamãe, não tem nada!

Quizo, filhinhos!

Não fique assustada!

Cuidado! Isso é mau!

Qual mau! É pagode!

Lue bom! Miau!

Lue bom! Miau!

Miau, miau, miau!

Meninos, cautela!

Mamãe, não tem nada!

É alta a janella.

Não fique assustada!

Cuidado! Isso é mau!

Qual mau! É pagode!

Lue bom! Miau!

Lue bom! Miau!

Miau, miau, miau!

Caíndo, adeus vida!

Mamãe, não tem nada!

Um tombo os liquida!

Não fique assustada!

Tropeçam... babau!

Babau?! É pagode!

Lue bom! Miau!

Lue bom! Miau!

Miau, miau, miau!

É lizo o telhado!

Mamãe, não tem nada!

É muito inclinado!

Não fique assustada!

Rolando, babau!

Babau?! É pagode!

Lue bom! Miau!

Lue bom! Miau!

Miau, miau, miau!

As unhas falseiam!

Mamãe, não tem nada!

As pernas bambeiam!

Não fique assustada!

Lax... trax, e babau!

Babau?! É pagode!

Lue bom! Miau!

Lue bom! Miau!

Miau, miau, miau!

Está bom... É me deicem!

Mamãe, não tem nada!

Depois... não se queixem!

Não fique assustada!

Disanco os a pau.

At pau?! É pagode!

Mamãe mette o pau;

Papai nos acode;

É a sova... babau!

Ah! ah! ah! ah!

A sova... babau!

Miau - miau!

Miau - miau, miau, miau!

É a sova... babau!
Miau - miau!
A sova... babau!



Os bonecos



1 Vovó, com Lola
 No collo, aponta
 A dança alegre,
 Que os dois confronta;
 É o pobre velho
 Na rabequinha
 Toca, entoando
 A cançãozinha:

1 Junto aos bonecos
 Dudu se agacha
 Nos seus pinoteos
 Que graça que acha!
 É o pobre velho, etc.

¶ Fim, fim, fim, fim, etc.

¶ Fim, fim, fim, fim!
 Fim, fim, fim, fim!
 Dansem bonecos!
 Dansem assim!
 Fim, fim, fim, fim!
 Fim, fim, fim, fim!
 Meninos, olhem
 Olhem pra mim!

1 São bons, os velhos,
 Para as crianças:
 Têm nelas postas
 As esperanças.
 Ellas, por isso,
 Devem amal-os,
 Obedecer-lhes
 E respeitá-os

¶ Devem, sim! sim!
 Devem amal-os,
 Obedecer-lhes
 E respeitá-os.

1 Nenê, sentada
 No chão, attenta
 Brindo, segue
 A toca lenta;
 É o pobre velho, etc.

Sim!
 Sim!
 Sim!
 Sim!

¶ Fim, fim, fim, fim, etc.

1 De pé, boceita,
 Meio curvada,
 Mãos nos joelhos,
 Ri á toada;
 É o pobre velho, etc.

¶ Fim, fim, fim, fim, etc.



Alguna!

+

1 Bem rente à parede,
Cosidos, juntinhos,
Preparam alguma
Os tres amiguinhos.

1.ª Que é?... Que não é?...

2.ª Alguma... olere!

1 Quem sabe, entretanto,
Se alguma vingança
Ali os reitre?
O odio não cansa.

1.ª Que é?... Que não é?...

2.ª Alguma... olere!

1 Commanda a manobra
Cazura. Sequeno,
Paciente, contém se
Attento e sereno.

1.ª Que é?... Que não é?...

2.ª Alguma... olere!

1 Em drama ou comedia
Dirão os actores?
Velhaes!... Tem ares
De conspiradores!

1.ª Que é?... Que não é?...

2.ª Alguma... olere!

1 Calô, inoffrido,
Por vezes arranca
Do posto, e Cazura
O passo: the tranca.

1.ª Que é?... Que não é?...

2.ª Alguma... olere!

1 Parece que querem
Os tres, só com essa,
A algum camarada
Pregor uma peça.

1.ª Que é?... Que não é?...

2.ª Alguma... olere!

1 Quem sabe, entretanto,
Se alguma vingança
Ali os reitre?
O odio não cansa.

2.ª Alguma... olere!

1 Quem sabe, entretanto,
Se alguma vingança
Ali os reitre?
O odio não cansa.



Os cordeirinhos.

1 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Que tens, meu cordeirinho?
É fome?
Tua mãe se some
Assim, e o seu filhinho
Deixa padecer?

2 Então?!... Lá vem balando!
A'pressa vem.
Vem. Na voz eu pressa
Amor, que a vem tocando.
Ovelhinha, vem!

4 Be'...ééé... bé...ééé...

1 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Coitadinho!

2 Vem chegando!

4 Be'...ééé... bé...ééé...

3 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Também?!... Ah, brejeirinho!
Bem vejo
Qual o teu desejo.
Tu queres, velhaquinha,
Colo... Pois não é?

2 Agona mammem! Matem!
A' fome
Grua, que os consume.
Depois... depois desatém
No campo a correr.

1. 2 Be'...ééé... bé...ééé...

3 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Pobrezinho!

2 Mas não maltratém

1. 3 Be'...ééé... bé...ééé...

1. 2 3 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Os dois?!... Um bocadoinho
De leite
Talvez que o aceite
Um e outro?... Um instantinho!
Já, já vão mamar

2 As flores mimosas,
Que, bellas, eheirosas,
No campo se expandem,
O campo enfeitando

1. 2 3 Be'...ééé... bé...ééé...

1. 2 3 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Sei!... Biquinho!...

2 Estáo escutando?
Promettem poupar as?

1. 2 3 Be'...ééé...

1. 2 3 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Paciencia!... Oh, ovelhinha,
Acode
Que a fome não pôde
Bibi, nem Teteinha
Por mais resistir.

2 Sim!
Promettem, bichinhos?

1. 2 3 Be'...ééé...

4 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Ligeirinha!

2 Sim!
Promettem amal as?

1. 2 3 Be'...ééé... bé...ééé...

4 Be'...ééé... bé...ééé...

2 Sim! Sim!
Adew, cordeirinhos!

1. 2 3 Be'...ééé... bé...ééé...

Grande, um papa,
depois
em um papai
Certo e certo.

Mãe do papai!
Mãe do papai!

Mãe do papai?
Mãe do papai!



Nôô.

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

Boneco munito
Nono que gana!

Canelo banquino
Nono faz bela!

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

Boneco qui dança:
Tehim tehim tehim tehim tehim!

Qui toea labrea:
Fim fim fim fim fim!

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

Minino manhoso
Nao gana binguedo

So ve a teteia
E suca no dedo.

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

Minino manhoso
Nao vai na cacunda!

Mamae da pamada,
Inielo na bunda!

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

Gudugo! Felico
Do seu papaizinho!

Macaco, boneco
Do eulaçaozinho!

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

Ta' qui o boneco!
Papai ta' bincano!

Ta' qui o canelo!
Mamae ta' mangano!

Da tete!
Nono que!
Ahe! Ahe!

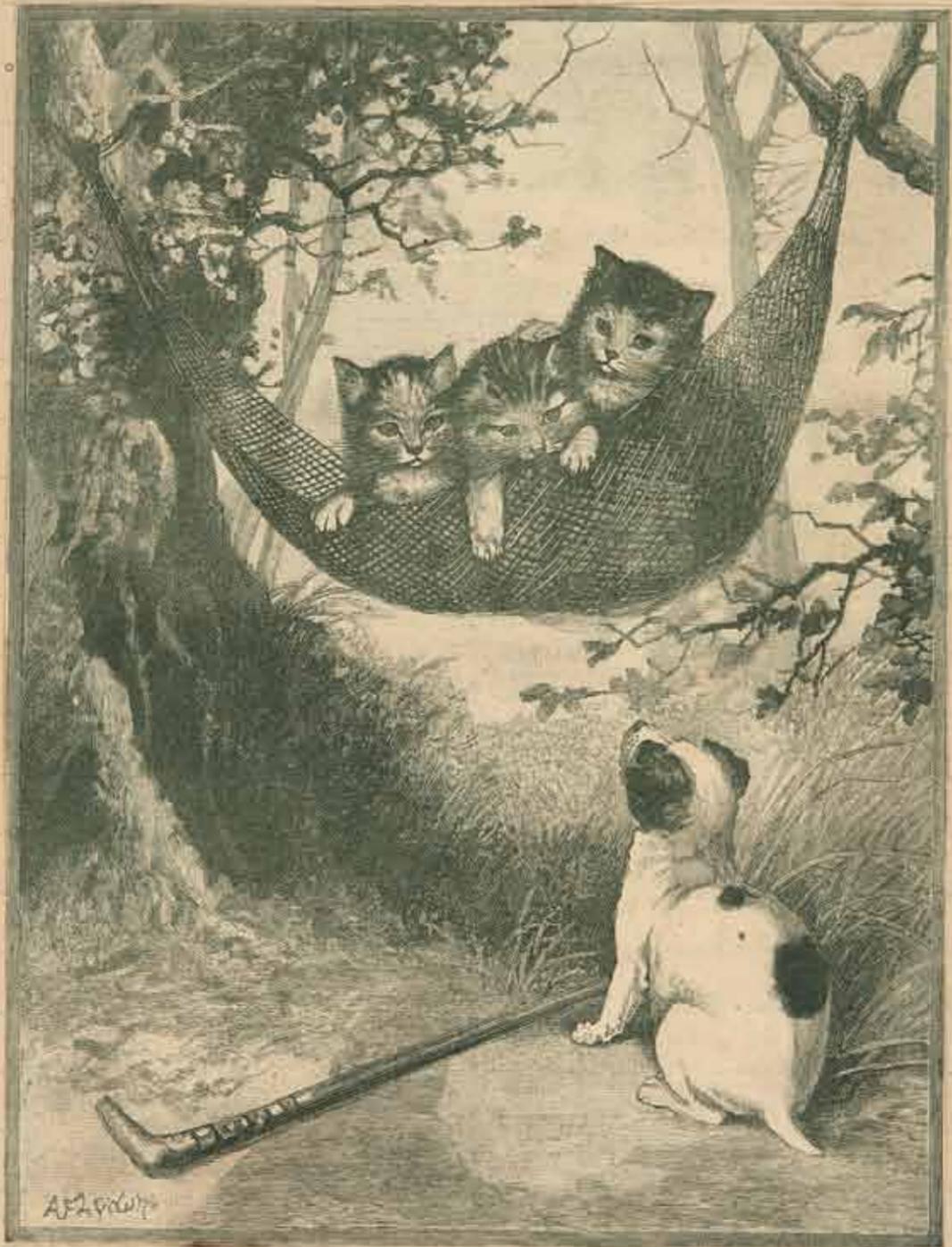
Boneco, canelo,
Ta' tudo, quilido!

Agola si lia,
Maloto, ativido!

Tete ta'
Muniti!
Ah!

Nono da papaizinho
Wharshi, queim muniti,
E' o tete que cala
V. no coraço!

+



Inimigos. —

1 Bonito!... Está bonito, seus gatinhos! 2,3,4 Miau!
 Vocês, ahi, na rede, empoleirados! 1 Uau... uau... uau... uau!
 São gatos; sempre o mostram... seus bilontras 2,3,4 Miau! Miau!
 Luxem para baixo, e... psiu!... calados! 1 Uau... uau... uau... uau... uau!
 Uau... uau... uau... 2,3,4 Miau! Miau! Miau
 2 Não vê, seu cachorro!
 Quem é que é você 1,2,3,4 Uau... uau... uau — Miau! Miau!
 Que manda em nós todos?
 Quem é que é você?
 1 Quem sou, seu marau?... 2 Suba cá p'ra cima!
 Já mostro... Uau... uau... 1 O dente eu os racho!
 3 Uau... uau?... Que m'importa? 3 Não vê que se anima!
 Você rá ladrando 1 Os gatos são pulhas!
 A' sua vontade, 4 Cachorros - poltrões!
 Que eu cá vou miando 1 Os gatos são gulhas!
 Também a meu gosto. 2 Cachorros - vilões!
 Escute: Miau!
 Quem é que se importa 1 Cambada!
 Com o seu Uau... uau... uau? 1 Uau... uau... Cachorro!
 1 Quem é que se importa? 2,3,4 Miau!
 Espere!... Uau!... Uau!... 1 Uau... uau... uau... uau!
 4 Ah, ah! que tem graça 2,3,4 Miau! Miau!
 O mestre sóto! 1 Uau... uau... uau... uau! Uau... uau!
 Não sabe outra coisa: 2,3,4 Miau!.....
 Uau... uau... só, só, só!
 Pois olha: ao Uau... uau...
 Responde: Miau!
 23, 24 Nós três respondemos
 Ao teu Uau... uau... uau...
 Apomas: Miau!...
 1 Uau, uau, uau!
 2,3,4 Miau!
 1 Uau!

Handwritten text in cursive script, likely a poem or lyrics, located at the top of the page.

Handwritten text in cursive script, likely a poem or lyrics, located below the first stanza.

Handwritten text in cursive script, likely a poem or lyrics, located to the left of the illustration.



Oato ilis

1 Ti suva! Ti massada!
Adôla nôs não pôde
ô bintá
No tinta.

2 Fala a bota, tontina!
Sem suva tudo mole:
Lentê e fô.
Sim, senô.

3 Morre, sim, Quinquim, morre.
Candoca tem razão.
Sem chuva, secca e morre
Tudo, mau coração.

1 Seta nada!
Ti massada!

2 Seta, seta,
Tintim!
Falulina
Dixeu.

Ella apendeu!

1 Falulina

Dixeu

Uma anela,

Fandôta!

Ti m'impeta?

2 Não dixeu, não, senola!

Ella apendeu na estôla!

1 Bola!

Tôla!

Tôla não pêta,

Patêta!

Tôla é tosa à toa!

2 Essa é boa!

Chi, Tintim!

Si a Mêta uisse

Ê falá ansim!...

1 Ô ti tem, patêta?

Si ella uisse memo?

Ella não é Mêta

Di mim!

3 Bico! vocês dois.

Olhem, olhem lá!

O que, alem, nu ceu se nos vai mostrando.

Fraço agora - fraço; mas, depois,

A côr se aviva, aviva, e já

Arco vistoso vem, se desdobra.

1 Falulina,

Ti é?

4 Não sei,

Menina,

Ué!

1 Não apendeu na tôla?

4 Tôla é tosa à toa,

Bola!

2 Ô ato-ili, Tintim.

1 Ato-ili?

2 Sim.

1 Ato-ili! Ti tosa

Tisita! Ti tosa

Tisita, Fandôta!

3 Ô toma d'ella nota.

Candoca disse certo

Aquillo é arco-iris

Gostas das suas côres,

Quinquim? Não é bonito?

1 Ô munito o ato-ilis!

Paleci a faxa

Di Falulina.

Falô não acha?

2 Do vitidino

Novo, não é?

1 Do vitidino

Novo, é, é.

Tem fez o ato-ilis?

Ho! Chuva.

1 Mintila!

4 Foi, sim.

1 Mintila!

4 Quinquim!

1 A suva só?

4 O sol também

1 Chi, Falô,

Ti mintila!

2 Tintim, não é mintila.

Ella apendeu na estôla.

1 Bola!

Tôla

Não pêta!

Tôla é tosa à toa

Ti suva! Ti massada!

Adôla nôs não pôde.

ô bintá

No tinta!

Dati a pote ella aprada

Osô, i fita itulo.

Ti massada! Ti massada!

A xente ati fechada!

Nô fita

Oiando o ato-ilis,

Itá!



Dona Boneca.

Dona Boneca,
Muito juízo!
Depois não diga
Que a não ariso.
Sim, sinhola!

Bico calado
É muito atenta,
Se o que a conselho
Guardar intenta.
Sim, sinhola!

Accomodei-a
Bem a seu gosto;
Dei-lhe abraçadas
Pra seu encosto.
Sim, sinhola!

De que se queixe
Não tem, portanto.
Não tem motivo
Pra manha ou pranto.
Sim, sinhola!

Uma menina,
Quando se deita,
Leva a continha
Do dia, feita.
Sim, sinhola!

Deve lembrar-se
Dos seus peccados,
Pra que repare
Males causados.
Sim, sinhola!

Deve lembrar-se
Do bem, que faça
Para animar-se
A que o refaça.
Sim, sinhola!

Olha. Peccados
São: gula, diça,
preguiça, raiva
é inveja.
Sim, sinhola!

Uma menina,
Que cede a gula,
A mil doenças
A furia açula.
Sim, sinhola!

Uma menina,
Que é preguiçosa,
Põe logo a casa
Em polvorosa.
Sim, sinhola!

Uma menina
A raiva da da
De todo o mundo
É desdenhada.
Sim, sinhola!

Uma menina
Dada a faceira
Deseira tudo:
Faz-se gaiteira.
Sim, sinhola!

Não seja nada
Disto, boneca.
Só quando a gente
Quer, é que pecca.
Sim, sinhola!

Deu-lhe o exemplo;
Faça o que eu faço:
A filha segue
A Mãe o passo.
Sim, sinhola!

Durma, e medite
No que eu lhe disse
Ainda há pouco
Que reflectisse.
Sim, sinhola!

Tome-me a benção.
Assim, filhinha!
Tom-te comigo
Abraçadinha.
Su..su..su..su..

Nête que nãna!
Su..su..su..su..
Oh sonho, vem cá!
Su..su..su..su..
Nête que nãna..

Su..su..su..su..
Nête que nãna!
Su..su..su..su..
Nête que nãna!



Horas de dormir

Após muita travessura,
Muito salto e correria,
Muito jogo, muita queda,
Cambalhota e gritaria,
Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Não dormir.

*Esta ironia é
para quem
não dorme
e não se acalma*

*Após muita travessura
e muita queda
e muita gritaria
e muita queda
e muita gritaria*

*Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Não dormir.*

Dizem todos "boa noite"
A' Mamãe, e vão fechando
Os olhinhos, nos brinquedos
Outro dia meditando.
Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir

*Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.*

Todos quatro gorduchinhos,
Recheados e corados,
Obedecem prontamente
A' hora em que são chamados.
Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir

*Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.*

Dela noite sonham sempre
Com bonecos e bonecas,
Bolas, cordas, bois, carrinhos,
Bilboquets, arcos, petecas.
Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.

A Mamãe é quem os leva.
Como é boa a Mamãezinha!
Despe os todos - todos mette
Dentro da cama quentinha.
Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.

*Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.*

*Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.*

*De noite e de dia eles sonham
Com bonecos e bonecas,
Bolas, cordas, bois, carrinhos,
Bilboquets, arcos, petecas!
Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir!*

*Arthur, Chiquita,
Nêné, Petita,
A rir
Vão dormir.*



O Li Pereira

Viva o Sr. Pereira,

Que a ninguém faz mal -

Batendo n'uma tampa,

Gritava o Juvenal.

Viva! Viva! Viva! -

Contava o Joaquim,

Fazendo, na panela,

Sim... fim... fim... fim... fim... fim...

Viva! Viva! Viva! -

Dizia o Leonil,

Soprando gravemente

No bico d'um funil.

E viva o Sr. Pereira! -

Berrava o Hildebrando,

O garfo engordurado

No folle requiebrando.

E viva a pagodeira!

Alem canta José,

Emquanto viva e viva

Meinho de café.

Vivó, que, de repente,

Ali se apresentau,

Em meio d'elles grita: -

Vivó! Vivó! Vivó!!!

E logo, alevantando

et vara de condão,

Bateu compasso a todos

Em solfa de bordão.

E viva o Sr. Pereira

Que a ninguém faz mal,

E a vara de marmelo,

Seu Mestre Juvenal.

E viva o Sr. Pereira

Mil vezes mil e mil,

E a vara de marmelo,

Meu rico Leonil.

E viva o Sr. Pereira

Tambem su' stou cantando,

E a vara de marmelo

Nas costas de Hildebrando.

E viva o Sr. Pereira

E mais o Joaquim

E a vara de marmelo,

Que faz assim, assim, assim!

E viva a pagodeira!

E viva! viva!olé!

et vara de marmelo,

Que faz dansar José -

E quem tocava, agora

Correu fugiu, vivó

E só Vivó se ouvia

Gritar: Vivó! Vivó!!!



A gataxada

Prompto nos bancos
Para a lição,
Estão os gatos
O batalhão.

Branco e preto,
Pardos, malhados,
Todos se tinham
Muito ocupados

Livros abertos,
Atentamente
Liam, tranquilos,
Correntemente.

Os sonar quando
Madama Gata
Entra na sala
Pata ante pata,

Fazendo à beca,
Estreitada,
Um grande rato
Dependurado.

Os estudantes,
In velle, esquecem
Os seus deveres:
So' obedecem

Os appetite,
Que lhes acula
Mortal peccado:
Dannada gula.

Fecha-se o livro;
Lê-se o caderno;
Polvo e tinteiros:
É um inferno!

O pobre mestre
Ninguém entende;
A mo' da panca
Claramente attende.

Água na bocca,
Luzios accessos,
Esquecem-se todos
As pernas-tesos.

Todos, moridos
Com furimdas,
Surgem. Não querem
Saber da escola.

E a gata passa
Muito quieta,
Fazendo figas
A' cambadinha.

E, lá, ri um canto,
Excuso e quado,
Janita, e os deixa
Chuchar no dedo.



Traição

Era uma vez.... seis gatinhos:

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

Sequininos, gorduchinhos.

Mestre Gatao, fino moço.

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu

Comidou para um almoço.

A maior nem os convitas,

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

Alegres, saltando vivas.

Elles - em cima da escada,

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu

Em baixo - n'uma enfiada.

Mestre Gatao, mui tranquillo.

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu

Choram p'ra tudo aquillo.

Mestre Gatao, de repente.

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

Mette em contradança quente.

Os gatinhos, assanhados,

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

Atacam esfomeados.

Trabidos assim, fugiam

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

Os gatos não mais os viram.

Os gatos choram, enquanto

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

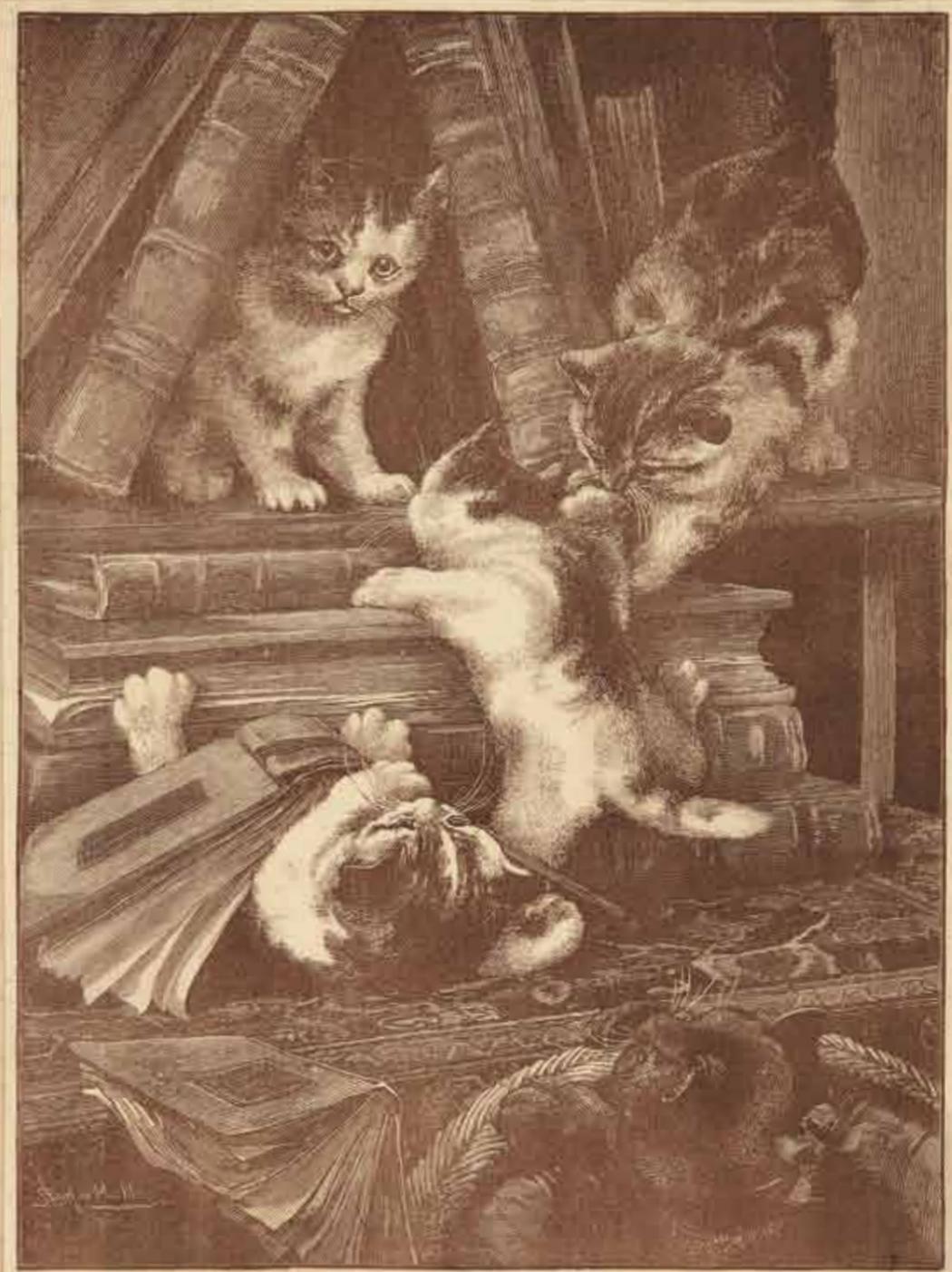
Dormem quietos no seu canto.

"Em gatos ninguém se fia."

Toto', Vivi, Luxu,

Nixi, Tete', Dudu,

Chiam, des de aquelle dia.



Pagode

Oh que grossa pagodeira!
Que famosa bilontragem!
Que tremenda malandrice!
Que dançada radiagem!

Quatro eram - quatro apenas
Os gatinhos de Suzana:
Pega-ratos, Mia - sempre,
Bichaninho e Katarana.

Pequeninos, felpudinhos,
Olhos grandes, rabo grosso,
Nos domingos passeavam
De gravata ou pescoço.

Sua dona com cuidado
Os tratava e os queria
Tanto, tanto, que, por elles,
As bonecas esquecia.

Tal carinho ia deixando
Os bichanos malcriados:
Já embriam pelos muros,
Já trepavam nos telhados.

Uma vez, que, por acaso,
Se pilharam na cozinha,
Tiraram todos à panela;
Não ficou uma sardinha.

A menina, por castigo,
Os prendeu no escriptorio,
Onde havia sobre a mesa
Muitos livros e papellorio.

Ora, ora! Os diabretes
Que se importam?... Sem demora
Trepam logo para a mesa.
Quanto ao mais... Vel-o eis agora.

Pega-ratos se embrioca
Entre dois dos calhamços.
Mia sempre fica a um lado;
Bichaninho puxa um maço.

Katarana, bulhoso,
Salta, mexe e dá de gambias,
Té que cae um badameco
E o vira de catrambias.

Miam todos, miam, miam!
Mas ninguém ao mio acode!
Miam tanto até que dormem
E termina-se o pagode.



Philosophia

Dona Sophia
De Papa Ratos
Tinha tres filhos:
Eram tres gatos.

Um era Molle; *Lyngus*
Outro era Duro; *Pato Pato Duro*
Era o terceiro
Revista-furo.

Eram valentes
Estes tres gatos,
Os fidalgoes
De Papa Ratos.

Não lhes passava
Pelo focinho
Sem que o trincassem,
Nem um ratinho

Nas horas vagas
Dona Sophia
Lhes ensinava
Philosophia

"Vocês não matem,
Se não tem fome,
E crueldade,
Que não tem nome.

A gente mata
Pra se nutrir,
Não mata para
Se divertir

Olhem. Agora,
Que já comemos,
Em paz os ratos,
Deixar devemos.

Lembre-se sempre
Desta lição;
Cresçam me gatos
De coração."

Mal acabava,
Um rato passava.
Dona Sophia
Dizia de a' caça.

Eos tres pimpolhos,
Rabos alçados,
Seguem m'a logo
Arripçados. *Docto do*

Porém o rato,
Que não é tolo, *Costa e rabo*
Logra os todos, *Heide tido. Depende o Tit*
Que é um consolo. *Fiz! no buraco*

Lax! no buraco. *no buraco*
Eos quatro, ficam *depois*
Olhando o rabo. *depois*
Embalde esticam *depois*

O seu pescoço. *depois*
Gorogoto! *depois*
Do gato comem *depois*
O cheiro só. *depois*

Mas que se arranjem!
Dona Sophia
Que lhes ensine
Philosophia!



O cometa



Tre..te..te..te..te..te..te..te..
 Na corneta soprava Juju,
 E compasso nos ares marcava,
 Como mestre da banda, Tutu.

Tre..te..te..te..te..te..te..te.. *Vou apelo aliado e destinar*
 A corneta estridente soou,
 E nos montes, e vales, e serras,
 Repetido, o clangor se ouviu.

Tre..te..te..te..te..te..te..
 Este canto de guerra partiu,
 E, na casa dos bons camaradas
 De Juju, todo o mundo o ouviu.

Tre..te..te..te..te..te..te..
 Tudo logo se pôe a marchar,
 Alindo à frente Juju, na corneta
 A tocar, a tocar, a tocar!

Tre..te..te..te..te..te..te.. *to, aliado do, com fuzil*
 Os soldados valentes lá vem,
 Acudindo ao chamado do chefe,
 Que é pequeno soldado também.

Tre..te..te..te..te..te..te..
 Já se forma o infantil batalhão,
 Que, nas guerras, não feru, nem matou,
 Que não tem nem fuzil, nem canhão.

Esse pequeno, aliado do
Se não fôr um, a marchar,
mas o fôr o mesmo pequeno,
A tocar, a tocar, a tocar!



Meu cavallo.

Upa, upa, Cavallinho! Corre e vóá, Meu banzinho.	Lilitinha, Riso e festa, Kade dar tã Boa sexta.	Sobre a fronte E as orelhas Como, em bando, As abelhas
Corre e vóá, Galopando, Lilitinha Carregando.	Desmontada Do cavallo, Dá-lhe beijos Em regalo.	Sobre a toça Duma fl. Cachorra, Seu d'ouro.
Corre e vóá Pelos prados De flarinhas Emaltados.	Beijos doces, Doces beijos, Que tractuam Seus desejos,	Terra e meiga Companheira De seus brincos, Luz, ligeira,
Corre e vóá Pelos montes, Para os rios, Passa as fontes	Enque a bra Da menina Ama muito Carolina,	Upa, upa- Corre os montes Corre os prados Passa os fontes
Upa, upa! Na carreira, Salta o vallo E a barreira		E, por onde Passarinhos Cantam, leva Seus caminhos,
Corre e vóá Nos caminhos, Onde cantam Passarinhos;	Que lhe ouda Dos cabellos, Que é um gosto D'os vellos	Rindo, rindo Galopando Lilitinha Carregando
Onde pairam, Reluzentes, Borboletas Indolentes;	Amclados, A fugirem Do leucinho E a cabirem	Upa, upa, Cavallinho! Corre e vóá, Meu banzinho
Corde as aguas Murmurantes Cantam, cantam Seus descantes.		Corre e vóá Meu caval Seiás beij Em regalo



O Vovô

+

1 Lá' vai, pucado
e no seu carrinho

1 Por teu cavallo
O bom do Vizinho.

2 Quiç- no meio;
Jamjão- de um lado;
Bijusa- de outro;
E tudo emparelhado.

3 Com lacaio,
Atray, Carola
Seque, calada,
e para a tol charola.

4 E o Vizinho,
Muiti lampieiro,
Vai ali dentro
Como gato em poleiro.

5 O carro marcha
Desagarrado
Pra que não caia
O febre do Velhinho.

6 Lá' teu cavallo
De confiança,
Co carro, em poucos,
Por sobre a neve avança.

7 Qual rei, qual nada!
Um tom tão rico
Não é, não pensam,
De qualquer para o bico!



A Vovo'

+

Na nada como a Vovó?
Pois dá se que possa haver?
Xão! Como Ella é Ella só.
Quem ouso contradizer?

Não! não! não! não!
Ela é a mãe, Ela é a mãe!
Vovó, da minha, mas não!
Vovó, da minha - Vovó!

Tão boa, tão boa assim,
Ao mundo ainda está por vir:
Ao menos eu, cá por mim
O declaro sem mentir.

Não! não! não! não!
Ela é a mãe, Ela é a mãe!
Vovó, da minha, mas não!
Vovó, da minha - Vovó!

Pobre Velhinha! Xão tem
Outra cuidada, senão
Os seus netinhos. Xão vem
A' sua imaginação

Pobre Velhinha! Xão tem
Outra cuidada, senão
Os seus netinhos. Xão vem
A' sua imaginação

Um pensamento fugaz
Que não lhe fale do Amor,
Por que Ella embetida traz
Sua alma, bem como a flor

Um pensamento fugaz
Que não lhe fale do Amor,
Por que Ella embetida traz
Sua alma, bem como a flor

Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,

Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,

Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,

Vêde aqui. Pois haverá
Quem, no mundo, possa dar
Covinhas, como Ella os dá,
Sempre a rir e a festejar?

Vêde aqui. Pois haverá
Quem, no mundo, possa dar
Covinhas, como Ella os dá,
Sempre a rir e a festejar?
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,
Vovó! Vovó! Ela traz perfume, que seduz,



Conversas

Ai, que figura que faço
Mettido n' esta colleira!
És menino, agora, e tigre,
E eu sou cão por brincaradeira.

Quando fôres a passeio,
Eu irei te acompanhando,
e seguir te alegre os passos;
e alegre, e rabi abandonado.

Dormirei na tua casa,
Lá no quintal, junto ao poço,
E tu me trarás biscoitos
E, por vezes, um bom osso.

Trás, por teu lado, à escola,
Darás lições de leitura,
E aprenderás taboada,
Que tanto a paciência apura.

Cuidado, porém! Não sujes
De tinta o caderno e os dedos,
E, na classe, não te pombas
E fazer nenhuns brinquedos.

Sentado à mesa, segura
O talher bem direitinho,
E não deixes na toalha
Cabe a sopa ou o vinho.

Porque se Papai te apunha
Nas faltas, em que eu incorro;
Terás sandalades, garantido,
Dos teus dias de cachorro.

Mas... Nada! Não quero. Fica
Sendo cão, que é meu desejo
E trocar de sorte, apenas
O ceprimi por gracejo.

Se fôr cachorro, beijinhos
Não pilharei nunca mais.
És cachorro, e eu, menina,
Somos amigos — que mais?



Simões e laranjas

1 "Limões, laranjas,
Chega, frequer!"

É todos passam
Por sua vez.

1 "Limões, laranjas,
Quem quer comprar?"
A cambadinha
Passo a guitar.
É o relógio, etc.

2 Liira, guia;

É o relógio

Atraz, Paul

3 Murilla, Paula,

Serenamente

Fecha a filua

Catu, Chiquinha

Bate o compasso,

Todo taful.

É Clara formam

Lento e cadente.

É o relógio, etc.

Com eis a linha.

Tic-tac, tic-tac!

É o relógio, etc.

4 Arthur e Didia

Ficam defronte;

5 "Limões, laranjas,

7 Uma vóz sizudos;

Com os braços fazem

Quem quer comprar?"

6 Os pés miudos,

Cutros gargalham;

Arco de ponte.

Passa que passa,

e os sapatinhos

Mas, m brinquito,

É o relógio, etc.

Forma a passar.

Não, batucam

e os se abra palham.

É o relógio, etc.

Barulhentinhos

É o relógio, etc.

É o relógio, etc.

8 Quero laranjas!

Eis Didia brada;

9 "Quero limões!"

11 Arthur e Didia

É Paula fica

Arthur proclama:

10 Um, depois outro,

Tem seu partido:

Já separada.

É, pra seu lado,

Do da fileira,

Cruel combate

É o relógio, etc.

Catu exclama.

É, abraz dos outros,

Vai ser ferido

É o relógio, etc.

Lá se enfileira.

É o relógio, etc.

É o relógio, etc.

12 Vencem laranjas?

Vencem limões?

13 Puxa, que puxa

Vai decidir se

Para seu lado

Quem é que vence?

Os empuxos.

Cada partido,

Quem ganha, pois?

É o relógio, etc.

Mais esfuzado.

Vencem, é claro,

É o relógio, etc.

Ambos os dois.

14 Mas, de repente,

É o relógio

que confusã!

Serenamente

Bola, quitando,

Bate o compasso

Jude no chão.

Lento e cadente.

É o relógio, etc.

Tic-tac!

Tic-tac!



Men kuvvinkha.



1 Meu burrinho
Bonitinho
Não tropeça
No caminho.

2 Este burro
De talento
Entre os burros
É portento

3 Entre burros
É portento,
Este burro
De talento.

4 Não tropeça,
Nem dis para,
É de raça
Muito rara.

5 Ora a passo,
Ora a trote,
Não cansa
De chicote.

6 Bem beijinho
Eu lhe pago
Seu trabalho,
É o affago,

7 Dos burrinhos
É a flor:
Té parece
Que é doutor,

8 Vouce, roa,
Sobe e desce,
É cansado
Não parece,

9 Elle fica
Satisfeito,
O burrinho
Do meu feitô.

10 Porque sabe
Galopar
Sem a gente
Machucar.

11 Porque gosta
D'esta vida
É a carga
Lhe é querida.

12 Upa! Upa!
Pá a cocheira!
Desce a moité
Bem ligeira.

13 Vamos, vamos
De pausar:
Pódes, pódes
Galopar.

14 Que a gente
Quer caber,
Sabe á gente
Lendar.

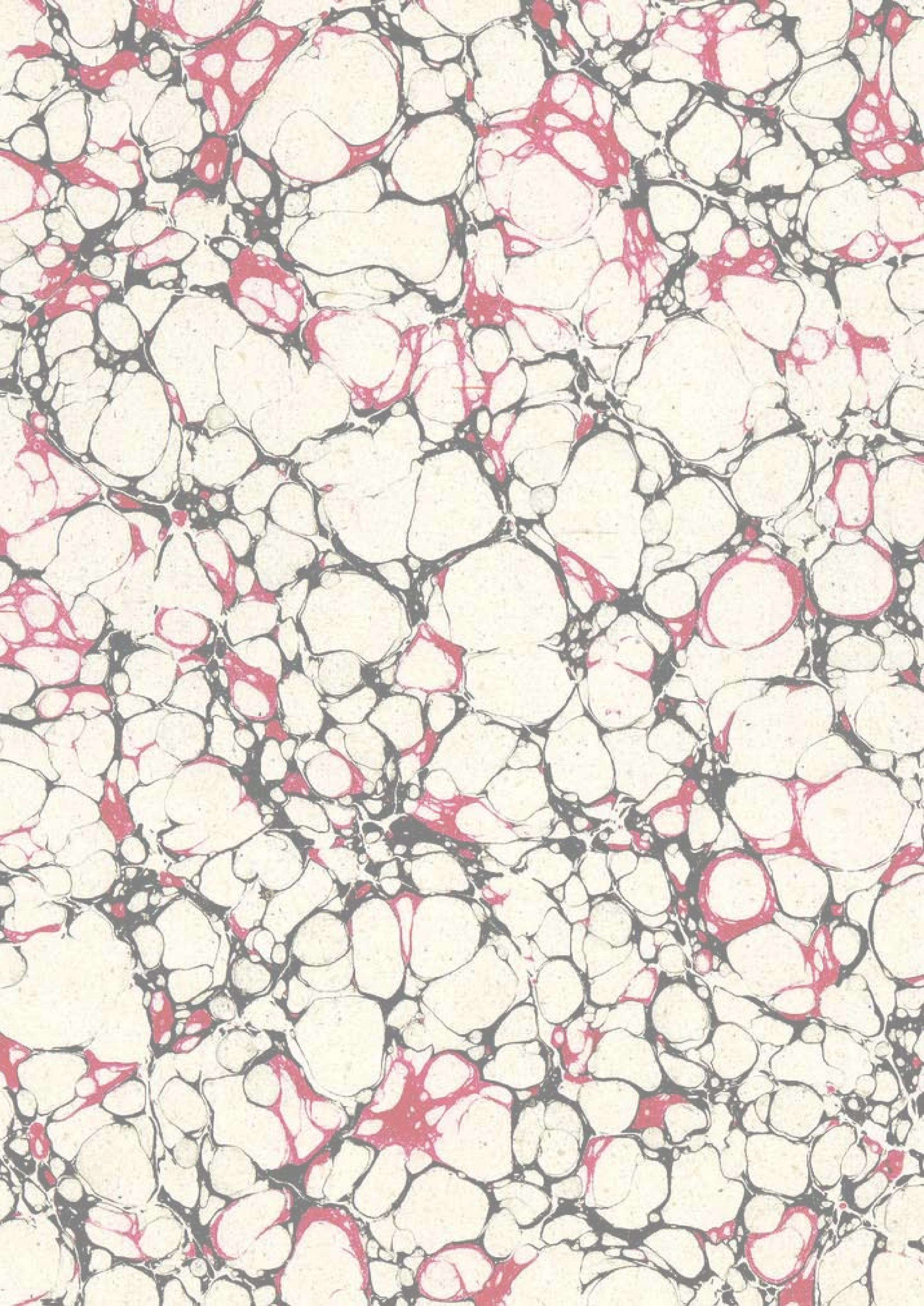
15 Té parece
Que é doutor:
Dos burrinhos
É a flor.

16 A meu lado
Ceiarás
E comigo
Dormirás,

17 Não é como
Muitos burros,
Que são mesmo
Burros, burros!

18 Não tropeça
No caminho,
Nem dis para,
Meu burrinho.

19 Meu bonzinho,
Minha flor,
Meu burrinho,
Meu amor!



Poemas transcritos

(Mantida a grafia original)

O balanço

Bão-ba-la-lão!

Meu capitão

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Laura, Tónico,

Chico brincando,

Vão no balanço

Se embalando.

Bão-ba-la-lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Atraz de todos,

Laura, Tónico,

No meio, em baixo

Boneca e Chico

Bão-ba-la-lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Que cambadinha!

Tudo está rindo!

E o balanço

Sempre bulindo!

Bão-ba-la-lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Eis, de repente,

A corda lashe

Tudo de costas

Na areia plashe!

Bão-ba-la-lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

Que cambalhota!

Mas ninguém chora!

Levantam rindo

E vão-se embora!

Bão-ba-la-lão!

Meu capitão!

Upa, balanço!

Bumba no chão!

A Lua

Porque é que a lua
Anda no ar
Sempre correndo,
Sempre a rolar?
Oh, lua!
Vem cá!

Não vou, que não quero!
Não vou – não vou lá!

Porque não queres
Vir cá brincar?
Não te aborreces
De vadiar?
Oh, lua!
Vem cá!

Não vou, que não quero!
Não vou – não vou lá!

Vem cá, pateta!
Vem pandegar!
É tão gostoso
Rir e pintar!
Oh, lua!
Vem cá!

Não vou, que não quero!
Não vou – não vou lá!

Então, batatas!
Vai bugiar!
Não precisamos
Do teu luar.
Apaga.
Já, já!

Não o apago.
Nem vou lá.

A lição

B.. a.. ba – b.. é.. bé...

Como faz?

Café.

B.. é.. bé – b.. i.. bi...

Como faz?

Siri.

B.. i.. bi – b.. ó.. bó...

Como faz?

Cipó.

B.. ó.. bó – b.. u.. bu...

Como faz?

Angu.

B.. u.. bu – b.. a.. bá..

Como faz?

Jacá.

L.. i.. li... ç.. ão.. ção

Como faz?

Balão.

Agora basta;

Basta de ler;

Repitam tudo;

Vamos a vêr

Café

Cipó

Siri

Angu

Angu

Jacá

Cipó

Balão

Que faz, meninos?

Venha a lição:

Repitam todos.

Amolação!

Travessos

Meninos, quietinhos!

Mamã, não tem nada!

Juizo, filhinhos!/
Juizinho, filhinho!

Não fique assustada!

Cuidado! Isso é mau!

Qual mau! É pagode!

Que bom! Miau!

Miau, miau, miau!

Meninos, cautela!

Mamã, não tem nada!

É alta a janela.

Não fique assustada!

Cuidado! Isso é mau!

Qual mal! É pagode!

Que bom! Miau!

Que bom! Miau!

Miau, miau, miau!

Cahindo, adeus vida!

Mamã, não tem nada!

Um tombo os liquida!

Não fique assustada!

Tropeçam... babau!

Babau?!.. É pagode!

Que bom! Miau!

Que bom! Miau!

Miau, miau, miau!

É liso o telhado!

Mamã, não tem nada!

É muito inclinado!

Não fique assustada!

Rolando, babau!

Babau?! É pagode!

Que bom! Miau!

Que bom! Miau!

As unhas falseiam!

Mamã, não tem nada!

As pernas bambeiam!

Não fique assustada!

Zaz... traz e babau!

Babau?!.. É pagode!

Que bom! Miau!

Que bom! Miau!

Miau, miau, miau!

Está bem. E me deixem!

Mamã, não tem nada!

Depois... não se queixem!

Não fique assustada!

Desanco-os a pau.

A pau?!.. Que pagode!

Mamãei mete o pau;

Papai nos acode;

E a sova... babau!

Ah! ah! ah! ah!

A sova... babau!

Miau – miau!

Miau – miau, miau, miau!

Os bonecos

Vóvó, com Lola
No collo aponta
A dança alegre,
Que os dois confronta;
E o pobre velho
Na rebequinha
Toca, entoando
A cantiguinha:

Fim, fim, fim, fim!
Fim, fim, fim, fim!
Dansem bonecos!
Dansem assim!
Fim, fim, fim, fim!
Fim, fim, fim, fim!
Meninos, olhem,
Olhem p'ra mim!

Nêê, sentada
No chão, atenta
E rindo, segue
A trova lenta;
E o pobre velho, etc

Fim, fim, fim, fim, etc

De pé, Cocota,
Meio curvada,
Mãos nos joelhos,
Ri à toada;
E o pobre velho, etc

Fim, fim, fim, fim, etc

Junto aos bonecos
Dudu se agacha:
Nos seus pinotes
Que graça que acha!
E o pobre velho, etc

São bons, os velhos,
Para as crianças:
Têm n'ellas postas
As esperanças
Ellas, por isso,
Devem amal-os,
Obedecer-lhes
E respeitá-os.

Fim, fim, fim, fim, etc

Devem, sim! Sim!

Devem amal-os,

Obedecer-lhes

E respeitá-os.

Sim!

Sim!

Sim!

Sim!

Alguma!

Bem rente à parede,
Cosidos, juntinhos,
Preparam alguma
Os tres amiguinhos.

Que é?... Que não é?

Alguma... oleré!

Commanda a manobra
Cazuza. Pequeno
Paciente, contem-se
Attento e sereno.

Que é?... Que não é?...

Alguma... oleré!

Caló, insofrido,
Por vezes arranca
Do posto, e Cazuza
Os passos lhe tranca

Que é?... Que não é?...

Alguma... oleré!

Parece que querem
Os tres, só com essa,
A algum camarada
Pregar uma peça.

Que é?... Que não é?...

Alguma... oleré!

Quem sabe, entretanto,
Se alguma vingança
Ali os reune?
O odio não cança.

Que é?... Que não é?...

Alguma... oleré!

Em drama ou comedia
Serão os actores?
Velhacos!... Têm ares
De conspiradores!

Que é?... Que não é?...

Alguma... oleré!

Os cordeirinhos

Bé... ééé...bé... ééé...

Que tens, meu cordeirinho?

É fome?

Tua mãe se some

Assim, e o seu filhinho

Deixa padecer?

Bé... ééé...bé... ééé...

Coitadinho!

Bé... ééé...bé... ééé...

Tambem?... Ah, brejeirinho!

Bem vejo

Qual o teu desejo.

Tu queres, velhaquinho,

Collo... Pois não é?

Bé... ééé...bé... ééé...

Pobrezinho!

Bé... ééé...bé... ééé...

Os dois?... Um bocadinho

De leite

Talvez que o aceite

Um e outro?... Um instantinho!..

Já, já vão mamar.

Bé... ééé...bé... ééé...

[inteligível]... Biquinho!...

Bé... ééé...bé... ééé...

Paciencia!... Oh, ovelhinha,

Acode

Que a fome não póde

Bibi, nem Tétinha

Por mais resistir.

Bé... ééé...bé... ééé...

Ligeirinha!

Bé... ééé...bé... ééé...

Então?!... Lá vem balando!

Á pressa vem.

Vem. Na voz expressa

Amor que a vem tocando.

Ovelhinha, vem!

Bé... ééé...bé... ééé...

Vem chegando!

Bé... ééé...bé... ééé...

Agora mammem! Matem

A fome

Crua, que os consome.

Depois... depois desatem

No campo a correr.

Bé... ééé...bé... ééé...

Mas não maltratem

Bé... ééé...bé... ééé...

As flôres mimosas,

Que, belas, cheirosas,

No campo se expandem,

O campo enfeitando.

Bé... ééé...bé... ééé...

Estão escutando?

Promettem poupal-as?

Bé... ééé...

Sim!

Promettem, bichinhos?

Bé... ééé...

Sim!

Promettem amal-as?

Bé... ééé...

Sim! Sim!

Adeus, cordeirinhos!

Bé... ééé...bé... ééé...

Nonô

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Boneco munito
Nonô qué ganá!

Canelo banquino
Nonô faz belá!

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Boneco qui dansa
Tchim tchim tchim tchim tchim!

Qui toca labeca
Fim fim fim fim fim!

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Menino manhoso
Não gana briquedo

Só vê a teteia
E suça o dedo.

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Menino manhoso
Não vai na cacunda!

Mamã dá palmada,
Sinelo na bunda!

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Guduço! Feitiço
Do seu papaizinho!

Macaco Boneco
Do culaçozinho!

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Tá qui o bonceo!
Papai tá brincano!

Tá qui o canelo!
Mamã tá mangano!

Dá tété!
Nonô qué!
Nhé! Nhé!

Boneco, canelo,
Tá tudo, quelido!

Agola si lia,
Maloto, ativido!

Tété tá
Munitu!
Ih!.....

Inimigos

Bonito!... Está bonito, seus gatinhos!
Vocês, ahi, na rêde, empoleirados!
São gatos; sempre o mostram... Seus bilontras
Puxem para baixo, e... psiu!... calados!
Uau... uau... uau...

Não vê, seu cachorro!

Quem é que é você

Que manda em nós todos?

Quem é que é você?

Quem sou, seu marau?...

Já mostro... Uau... uau...

Uau.. uau?.. Que m'importa?

Você vá ladrando

A'sua vontade,

Que eu cá vou miando

Também a meu gosto.

Escute: Miau!

Quem é que se importa

Com o seu Uau... uau... uau?

Quem é que se importa?

Espera!.. Uau!.. Uau..

Ah, ah! que tem graça

O mestre Tótó!

Não sabe outra cousa:

Uau... uau.. só, só, só!

Pois olha: ao Uau... uau...

Respondo: Miau!

Nós tres respondemos

Ao teu Uau... uau... uau...

Apenas: Miau!...

Uau, uau, uau

Miau!

Uau!

Miau!

Uau.. uau.. uau.. uau!

Miau! Miau!

Uau.. uau.. uau.. uau.. uau!

Miau! Miau! Miau!

Uau.. uau.. uau..... Miau! Miau!

Desçam cá p'ra baixo!

Suba cá p'ra cima!

A dente eu os racho!

Não vê que se anima!

Os gatos são pulhas!

Cachorros-poltroões!

Os gatos são grulhas!

Cachorros-villões!

Cambada!

Cachorro!

Uau.. uau..

Miau!

Uau.. uau.. uau.. uau!

Miau! Miau!

Uau.. uau.. uau.. uau! Uau.. uau!

Miau!

O ato ilis

Ti suva! Ti massada!	Si a Méta uvisse	Di Talulina.
Adola nós não póde	Cê falá ansim!...	Taló não acha?
I bintá	I ti tem, pateta?	Do vitidinho
No tintá	Si ella uvisse memo?	Novo, não é?
Tala tontina!	Ella não é Méta	Do vitidinho
Sem suva tudo mole:	Di mim!	Novo, é, é.
Gente e fô	Bico! vocês dois.	Tem fez o ato-ilis?
sim, senô.	Olhem, olhem lá!	A chuva
Morre, sim, Quimquim, morre.	O que, além, no ceu se nos vai mostrando	Mintila!
Candoca tem razão.	Fraco agora- fraco; mas, depois,	Foi sim.
Sem chuva, secca e morre.	A côr se aviva, aviva, e já	Mintila!
Tudo, meu coração.	Arco vistoso vem, se desdobrando.	Quimquim!
Seta nada!	Talulina,	A suva só?
Ti massada!	Ti é?	O sol tambem
Séta, séta,	Não sei,	Chi, Taló,
Timtim!	menina,	Ti mintila.
Talulina	Ué!	Tintim, não é mentila.
Dizeu	Não aprendeu na tóla?	Ella apendeu na estola.
Ella apendeu!	Tóla é tosa a toa,	Bola!
Talulina	Bola!	Tóla
Dizeu	É ato-ili, Timtim.	Não péta!
Uma anela,	Ato-ili?	Tola é tosa a toa
Tandota!	Sim.	Ti suva! Ti massada!
Ti m'impota?	Ato-ili! Ti tosa	Adóla nos não póde.
Não dizeu, não, senola!	Tisita! Ti tosa	I bintá
Ella apendeu na estola!	Tisita, Tandóta!	No tintá!
Bola!	E toma d'ella nota.	D'ati a potó ella apada
Tóla!	Candoca disse certo	O só, i fita itulo.
Tóla não péta,	Aquillo é arco- íris	Ti massada! Ti massada!
Pateta!	Gostas das suas côres,	A zente ati fechada!
Tóla é tosa a toa!	Quinquim? Não é bonito?	No fitá
Essa é boa!	É munito o ato-ilis!	oiando o ato-ilis,
Chi, Timtim!	Paleci a faxa	Itá!

Dona Boneca

Dona Boneca,
Muito juízo!
Depois não diga
Que a não aviso.

Sim, sinhola!

Bico calado
E muito attenta,
Se o que aconselho
Guardar intenta.

Sim, sinhola!

Accommodei-a
Bem a seu gosto;
Dei-lhe almofadas
P'ra seu encosto

Sim, sinhola!

De que se queixe
Não tem, portanto.
Não tem motivo
P'ra manha ou pranto.

Sim, sinhola!

Uma menina
Quando se deita,
Leva a continha
Do dia feita.

Sim, sinhola!

Deve lembrar-se
Dos seus peccados
P'ra que repare
Males causados.

Sim, sinhola!

Deve lembrar-se
Do bem que faça
Para animarse
A que o refaça.

Sim, sinhola!

Olhe, Peccados
São: gulodice,
Preguiça, raiva
E faceirice.

Sim, sinhola!

Uma menina,
Que cede a gula
A mil doenças
A furia açula.

Sim, sinhola!

Uma menina
Que é preguiçosa,
Põe logo a casa
Em polvorosa.

Sim, sinhola!

Uma menina
À raiva dada
De todo o mundo
É desdenhada.

Sim, sinhola!

Uma menina
Dada a faceira
Descura tudo:
Faz-se gaiteira.

Sim, sinhola!

Não seja nada
Disto, boneca.
Só quando a gente
Quer, é que pecca.

Sim, sinhola!

Dou-lhe o exemplo;
Faça o que eu faço:
A filha segue
A' Mãi o passo.

Sim, sinhola!

Durma, e medite
No que eu lhe disse
Ainda ha pouco
Que reflectisse.

Sim, sinhola!

Tome-me a benção.
Assim, filhinha!
Tem-te commigo
Abraçadinha:

Su.. su.. su..su..

Nênê qué naná.

Su.. su.. su..su..

Oh sonno, vem cá!

Su.. su.. su..su..

Nênê qué naná.

Su.. su.. su..su..

Nênê qué naná.

Hora de dormir

Após muitas travessuras,
Muito salto e correria,
Muito jogo, muita queda,
Cambalhota e gritaria,
Arthur, Chiquita,
Nenê Petita,
A rir
Vão dormir.

Todos quatro, gorduchinhos,
Rechonchudos e corados,
Obedecem prontamente
À hora em que são chamados.
Arthur, Chiquita,
Nenê Petita,
A rir
Vão dormir.

A Mamã é quem os leva,
Como é boa a Mamãzinha!
Despe-os todos – todos mette
Dentro da cama quentinha.
Arthur, Chiquita,
Nenê Petita,
A rir
Vão dormir.

Dizem todos “boa noite”
À Mamã, e vão fechando
Os olhinhos, nos brinquedos
D’outro dia, meditando
Arthur, Chiquita,
Nenê Petita,
A rir
Vão dormir.

Pela noite sonham sempre
Com bonecos e bonecas,
Bolas, cordas, bois, carrinhos,
Bilboquets, arcos, petecas.
Arthur, Chiquita,
Nenê Petita,
A rir
Vão dormir.

O Zé Pereira

Viva o Zé Pereira,
Que a ninguém faz mal _
Batando n'uma tampa,
Gritava o Juvenal.

Viva! Viva! Viva! _
Cantava o Joaquim,
Fazendo, na panela,
Fim.. fim.. fim.. fim.. fim.. fim..

Viva! Viva! Viva!_
Dizia o Leonil,
Soprando gravemente
No bico d'um funil.

E viva o Zé Pereira! _
Berrava. Hildebrando,
O garfo engordurado
No fole requebrando.

E viva a pagodeira! _
Alem canta José,
Emquanto vira e vira
Moinho de café.

Vovó, que, de repente,
Ali se apresentou,
Em meio d'elles grita:
Vivô! Vivôô! Vivôôôô!

E, logo, alevantando
A vara de condão,
Bateu compasso a todos
Em solfa de bordão.

E viva o Zé Pereira
Que a ninguém faz mal,
E a vara de marmelo,
Seu mestre Juvenal.

E viva o Zé Pereira
Mil vezes mil e mil
E a vara de marmelo
Meu rico Leonil.

E viva o Zé Pereira
Tambem eu'stou cantando
E a vara de marmelo
Nas costas de Hildebrando.

E viva o Zé Pereira
E mais Joaquim
E a vara de marmelo
Que faz assim, assim, assim!

E viva a pagodeira!
E viva! viva! Olé!
A vara de marmelo,
Que faz dansar José _

E quem tocava, agora
Correu, fugiu, voou
E só vovó se ouvia
Gritar: Vivô! Vivôôô!

A gatarrada

Prompto nos bancos
Para a lição,
Está dos gatos
O batalhão.

Branco e preto,
Pardos, malhados,
Todos se tinham
Muito ocupados.

Livros abertos
Attentamente
Liam, tranquilos,
Correntemente.

Eis senão quando
Madama Gata
Entra na sala
Pata ante pata.

Trazendo à bocca
Estrafegado,
Um grande rato
Dependurado.

Os estudantes,
Ao vê-lo esquecem
Os seus deveres:
Só obedecem.

Ao appetite,
Que lhe açula
Mortal peccado
Dannada gula.

Fecha-se o livro;
Cae o caderno;
Rolam tinteiros;
É um inferno!

O pobre mestre
Ninguém entende;
À voz da pansa
Sómente atende.

Agua na bocca,
Luzios accesos,
Erguem-se todos
Nas pernas – tesos.

Todos, movidos
Como por molas,
Surgem. Nem querem
Saber da escola.

E a gata passa
muito quietinha,
Fazendo figas
À cambadinha.

E, lá n'um canto,
Escuro e quedo,
Janta, e os deixa
Chuchar no dedo.

Traição

Era uma vez.... seis gatinhos:

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Pequeninos, gorduchinhos.

Mestre Gatão, fino moço.

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu

Convidou para um almoço.

A miar vem os convivas

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Alegres, soltando vivas.

Elles – em cima da escada;

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Embaixo – n’uma enfiada.

Mestre Gatão, mui tranquillo.

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Olhavam p’ra tudo aquillo.

Mestre Gatão, de repente,

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Mette em contradansa quente.

Os gatinhos, assanhados,

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Atacam esfomeados.

Trahidos assim, fugiram

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

E os gatos não mais os viram.

Os gatos choram, enquanto

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Dormem quietos no seu canto.

“Em gatos ninguém se fia”,

Tótó, Vivi, Zuzu,

Xixi, Tété, Dudu,

Chiam, desde aquelle dia.

Pagode

Oh que grossa pagodeira!
Que famosa bilontragem!
Que tremenda malandrice!
Que dannada vadiagem!

Quatro eram – quatro apenas
Os gatinhos de Suzana:
Pega-ratos, Mia-sempre,
Bichaninho e Ratazana.

Pequeninos, felpudinhos,
Olhos grandes, rabo grosso,
Aos domingos passeavam
De gravata no pescoço.

Sua dona com cuidado
Os tratava e os queria
Tanto, tanto, que, por eles,
As bonecas esquecia.

Tal carinho ia deixando
Os bichanos malcriados:
Já subiam pelos móveis,
Já trepavam nos telhados.

Uma vez, que, por acaso,
Se pilharam na casinha,
Foram todos à panella;
Não ficou uma sardinha.

A menina, por castigo,
Os prendeu no escriptorio,
Onde havia sobre a mesa
Muito livro e papelório.

Ora, ora! Os diabretes
Que se importaram?.. Sem demora
Trepavam logo para a mesa.
Quanto ao mais... Vel-o-eis agora.

Pega-ratos se embioca
Entre dois dos calhamaços;
Mia-sempre fica a um lado;
Bichaninho puxa uns maços.

Ratazana, buliçoso,
Salta, mexe e dá de gambias,
Té que cae um badameco
E o vira de catrâmbias.

Miam todos, miam, miam!
Mas ninguém ao mio acode!
Miam tanto até que dormem
E termina-se o pagode.

Philosophia

Dona Sophia
De Papa-Ratos
Tinha tres filhos:
Eram tres gatos.

Um era Molle;
Outro era Duro;
Era o terceiro
Revista-furo.

Eram valentes
Estes tres gatos,
Os fidalgotes
De PapaRatos.

Não lhes passava
Pelo focinho
Sem que o trincassem
Nenhum ratinho.

Nas horas vagas
Dona Sophia
Lhes ensinava
Philosophia.

“Vocês não matem,
Se não tem fome:
É crueldade,
Que não tem nome.

A gente mata,
P’ra se nutrir;
Não mata para
Se divertir.

Olhem. Agora,
Que já comemos,
Em paz os ratos,
Deixar devemos.

Lembrem-se sempre
D’esta lição;
Cresçam-me gatos
De coração”.

Mal acabava,
Um rato passa.
Dona Sophia
Deita-se à caça.

E os tres pimpolhos,
Rabos alçados,
Seguem-n’a logo
Arrepiados.

Porem o rato,
Que não é tolo,
Logra-os todos,
Que é um consolo.

Zaz! No buraco.
E os quatro, ficam
Olhando o rabo.
Embalde esticam

O seu pescoço.
Gorogotó!
Do gato comem
O cheio só.

Mas que se arranjem!
Dona Sophia
Que lhes ensine
Philosophia!

O corneta

Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té..

Na corneta soprava Juju,
E compasso nos ares marcava,
Como mestre da banda, Tutu.

Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té..

A corneta estridente soou,
E nos montes, e valles, e serras,
Repetido, o clangôr e chôou.[?]

Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té..

Este canto de guerra partiu,
E, na casa dos bons camaradas
De Juju, todo o mundo ouviu.

Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té..

Tudo logo se põe a marchar,
Indo à frente Juju, na corneta
A tocar, a tocar, a tocar!

Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té..

Os soldados valentes lá vem,
Acudindo ao chamado do chefe,
Que é pequeno soldado também.

Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té..

Já se forma o infantil batalhão,
Que, nas guerras, não fere, nem mata,
Que não tem nem fuzil, nem canhão.

Meu cavallo

Upa, upa,
Cavallinho!
Corre e vôa,
Meu benzinho!
Corre e vôa.
Galopando,
Lilitinha
Carregando.
Corre e vôa
Pelos prados
De florinhas
Esmaltadas.
Corre e vôa
Pelos montes,
Vara os rios,
Passa as fontes.
Upa, Upa!
Na carreira,
Salta o valle
E a barreira.
Corre e voa
Nos caminhos,
Onde cantam
Passarinhos;
Onde pairam
Reluzentes,
Borboletas
Indolentes;
Onde as águas
Murmurantes
Cantam, cantam
Seus descantes

Lilitinha,
Riso e festa
Há de dar-te
Boa sesta.
Desmontada
Do cavallo,
Dá-lhe beijos
Em regalo.
Beijos doces
Doces beijos
Que traduzam
Seus desejos,
Porque a boa
Da menina
Ama muito
Carolina,
Que lhe cuida
Dos cabelos
Que é um gosto
Só vê-los.
Anelados
A fugirem
Do lencinho
A cahirem.

Sobre a fonte
E as orelhas
Como, em bando
As abelhas.
Sobre a taça
D' uma flor
Carolina
Seu amôr.
Terna e meiga
Companheira,
De seus brincos.
Que, ligeira,
Upa, upa,
Corre os montes
Corre os prados
Passa as fontes.
E, por onde
Passarinhos
Cantam, leva
Seus caminhos.
Rindo, rindo
Galopando
Lilitinha
Carregando!
Upa, upa
Cavallinho
Corre e vôa
Meu benzinho.
Corre e vôa
Meu cavallo
Terás beijos
Em regalo.

O vovô

Lá vai, puxando
No seu carrinho
Por tres cavallos
O bom do Vovôzinho.

Luiz - no meio
Janjão - de um lado,
Bijuca - de outro,
E tudo emparelhado.

Com lacaio
Atraz Carola
segue calada
A passo a tal charola.

E o Vovôzinho,
muito lampeiro,
Vai ali dentro
como gato em poleiro.

O carro marcha
Devarinho
Prá que não caia
o pobre do Velhinho.

São tres cavallos
De confiança
E o carro, aos poucos
Por sobre a neve avança.

Qual rei, qual nada!
Um trem tão rico
Não é, não pensem,
De qualquer para o bico!

A vovó

Há nada como a Vovó?
Pois dá-se que possa haver?
Não! como ella é ella só.
Quem ousa contradizer!

Tão boa, tão boa assim,
Ao mundo inda está por vir
Ao menos eu cá por mim
O declaro sem mentir.

Pobre velhinha! Não tem
Outro cuidado, senão
Os seus netinhos. Não vem
À sua imaginação.

Um pensamento fugaz
Que não lhe fale do Amôr,
Em que ella concebida traz
Suas almas bem como a flôr.

Traz perfume, que seduz,
Na pet'las. E, se quereis
O que digo pôr à luz,
Como ella é boa vereis.

Vêde aqui. Pois haverá
Quem, no mundo possa dar
Carinhos, como ella os dá
Sempre a rir e a festejar?

Conversas

Ai, que figura que faço.
Metido n'esta colleira!
É menino, agora, Tigre,
E eu sou cão por brincadeira.

Quando fôres a passeio,
Eu irei te acompanhando,
A seguir te alegre os passos;
Alegre, o rabo abanando.

Dormirei na tua casa,
Lá no quintal, junto ao poço,
E tu me trarás biscoitos.
E, por vezes, um bom osso.

Irás, por teu lado, à escola,
Darás lição de leitura,
E aprenderás taboada,
Que tanto a paciencia apura.

Cuidado, porém! Não sujes,
De tinta o caderno e os dedos,
E, na classe não te ponhas
A fazer nenhuns brinquedos.

Sentado à mesa segura
O talher bem direitinho,
E não deixes na toalha
Cahir a sopa ou o vinho,

Porque se Papai te apanha
Nas faltas, em que eu incorro,
Terás saudades, garanto,
Dos teus dias de cachorro.

Mas...nada! Não quero. Fica
Sendo cão, que o meu desejo
De trocar de sorte, apenas
O exprimi por gracejo.

Se fôr cachorrinho, beijinhos
Não pilharei nunca mais.
És cachorro, e, eu, menino,
Somos amigos – que mais?

Limões e laranjas

	“Limões e laranjas, Chega, freguez!”		“Limões, laranjas, Quem quer comprar?”
	E todos passam Por sua vez.		A cambadinha Passa a gritar.
Luiza, guia;		E o relógio	E o relógio, etc.
Atraz, Raul	Murilla, Paula,	Serenamente	
Fecha a fileira	Catu, Chiquinha	bate o compasso,	
Todo taful.	E Clara formam	Lento e cadente:	
E o relógio, etc	O meio à linha.		Tic-tac, tic-tac!
	E o relógio, etc		
Arthur e Didia			
Ficam defronte;	“Limões, laranjas, Quem quer comprar?”	Os pés, miúdos,	Uns vão sizudos; Outros gargalham;
Com os braços fazem	Passa que passa,	Nos sapatinhos	Mas, no brinquedo,
Arco de ponte.	Torna a passar.	Rasos, batucam	Não se atrapalham.
E o relógio, etc	E o relógio, etc	Barulhentinhos	E o relógio, etc
		E o relógio, etc	
“Quero laranjas!”			
Eis Didia brada;	“Quero limões!”		Arthur e Didia
E Paula fica	Arthur proclama:	Um, depois outro,	Tem seu partido:
Já separada.	E, p’ra seu lado,	Sae da fileira,	Cruel combate
E o relógio, etc	Catu exclama.	E, atraz dos outros,	Vai ser ferido.
	E o relógio, etc	Lá se enfileira.	E o relógio, etc
Vencem laranjas?		E o relógio, etc	
Vencem limões?	Puxa, que puxa		
Vai decidir-se	Para seu lado	Quem é que vence?	
Aos empuxões.	Cada partido,	Quem ganha, pois?	
E o relógio, etc	Mais esforçado.	Vencem, é claro,	
	E o relógio, etc	Ambos os dois.	
Mas de repente,		E o relógio	
Que confusão!		Serenamente	
Róla, gritando,		Bate o compasso	
Tudo no chão.		Lento e cadente:	
E o relógio, etc		Tic-tac!	
		Tic-tac!	

Meu burrinho

Meu burrinho
Bonitinho
Não tropeça
No caminho.

Não tropeça
Nem dispara
É de raça
Muito rara.

Dos burrinhos
É a flôr
Té parece
Que é doutor.

Porque sabe
Galopar
Sem a gente
Machucar.

E, se a gente
Quer cahir,
Sabe à gente
Sacudir.

Não é como
Muitos burros
Que são mesmo
Burros, burros!

Este burro
De talento
Entre os burros
É portenho

Ora a passo,
Ora a trote,
Não carece,
De chicote.

Corre, voa
Sobe e desce,
E cançando
Não parece.

Porque gosta
D'esta lida
E a carga
Lhe é querida.

Té parece
Que é doutor
Dos burrinhos
É a flôr.

Não tropeça
No caminho,
Nem dispara
Meu burrinho.

Entre burros
É portenho,
Este burro
De talento.

Em beijinhos
Eu lhe pago
Seu trabalho
E o affago.

Elle fica
Satisfeito
O burrinho
Do meu peito.

Upa, upa!
Pr'á cocheira!
Desce a noite
Bem ligeira!

Vamos, vamos,
Repousar,
Pódes, pódes
Galopar.

A meu lado
Ceiarás
E commigo
Dormirás.

Meu benzinho
Minha flor.
Meu burrinho
Meu amor.

© organizadores, 2017

Versos para os pequeninos, manuscrito elaborado por João Köpke entre 1886 e 1897.
Publicação on-line fac-similar produzida em conjunto por Faculdade de Educação (FE)
da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e revista *Pesquisa FAPESP*.

Coordenação Norma Sandra de Almeida Ferreira (FE-Unicamp), Alexandra Ozorio de
Almeida e Carlos Henrique Fioravanti (*Pesquisa FAPESP*)

Projeto gráfico e editoração Mayumi Okuyama (*Pesquisa FAPESP*)

Reprodução das imagens Eduardo Cesar (*Pesquisa FAPESP*)

Transcrição do manuscrito Norma Sandra de Almeida Ferreira

Apoio Valter Rodrigues (*Pesquisa FAPESP*) e Simone Lucas Gonçalves de Oliveira
(Biblioteca FE-Unicamp)

Esta publicação foi produzida originalmente como parte da edição n. 253
(março de 2017) da revista *Pesquisa FAPESP* (www.revistapesquisa.fapesp.br).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

028.5

K838v Kopke, João

Versos para os pequeninos / João Kopke ; apresentação de Norma
Sandra de Almeida Ferreira. – Campinas: Fe-Unicamp, 2017.
108 p. : il. E-book (Fac-símile).

Manuscrito elaborado por João Kopke entre 1886 e 1897.
Publicação on-line fac-similar produzida em conjunto por Faculdade
de Educação da Unicamp e revista *Pesquisa FAPESP*.
Esta publicação foi produzida originalmente como parte da edição n. 253
(março de 2017) da revista *Pesquisa FAPESP*.

1. Literatura infantil - Brasil. 2. Literatura infantil - História.
3. Literatura brasileira – Século XIX. 4. Livro escolar – Século XIX.
5. Poesia. 6. Manuscrito. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida. II. Título.

ISBN: 978-85-7713-210-2

Realização

Faculdade de Educação da Unicamp

Rua Bertrand Russell, 801 | Cidade Universitária, Campinas – SP – 13083-865

Tel. 19. 3521-5632

www.fe.unicamp.br | bibfe@unicamp.br

Revista *Pesquisa FAPESP*

R. Joaquim Antunes, 727 | São Paulo – SP – 05415-001

Tel. 11. 3087-4210

www.revistapesquisa.fapesp.br | redacao@fapesp.br



Este livro foi composto nas fontes Mercury e Gill Sans, em fevereiro de 2017.

